

IMAGEM CORPORAL E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: UMA ABORDAGEM NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

BODY IMAGE AND THE CONSTRUCTION OF THE SUBJECT: AN APPROACH IN THE FIELD OF PHYSICAL EDUCATION

Graduanda em Educação Física Catiene Melo dos Reis, Prof. Dr. Adilson Pereira.

RESUMO

A imagem corporal tem influência na vida em sociedade. E uma questão como essa não pode ser desconsiderada pelos profissionais de educação física que têm como objeto de estudo o movimento humano, pois o corpo jovem, em certo sentido, seria considerado com valor elevado, tornando-se motivo de culto. Assim, o presente artigo procura evidenciar como a imagem corporal influenciaria na atuação do profissional de E.F. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem por base os periódicos publicados em revistas eletrônicas, em que se procurou aprofundar o problema abordado, ampliando seu campo de compreensão. Com esta pesquisa, compreendemos como a imagem corporal está intimamente ligada à saúde física e mental, bem como, ao contrário, a insatisfação com o corpo, poderia ocasionar transtornos mentais comuns ou específicos, causando consequências irreversíveis em casos mais extremos. Por fim, vimos que o profissional de educação física precisa ter consciência que sua imagem corporal estará em constante mudança e que em sua vivência social, será um fator importante para sua atuação, além de que precisa produzir um pensamento crítico sobre as questões relacionadas à insatisfação corporal no intuito de orientar os sujeitos que buscam seus serviços.

Palavras-chaves: Atuação profissional; Educação física; Imagem corporal.

ABSTRACT

Body image influences life in society. And a question like this can not be disregarded by physical education professionals, whose object is to study the human movement, because the young body, in a sense, would be considered of high value, becoming a motive of worship. Thus, the present article seeks to show how body image influences the performance of the EF professional. This is a bibliographical research, based on journals published in electronic journals, in which the problem addressed was explored, broadening its field of understanding. With this research, we understand how body image is closely linked to physical and mental health, as well as, on the contrary, dissatisfaction with the body, could cause common or specific mental disorders, causing irreversible consequences in more extreme cases. Finally, we saw that the physical education professional needs to be aware that his body image will be constantly changing and that in his social life will be an important factor for his performance, and that he needs to produce a critical thinking on issues related to dissatisfaction in order to orient the individuals who seek their services.

Keywords: Professional performance, physical education, body image.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a imagem corporal tem algum tipo de influência sobre as pessoas na sociedade. Na realidade, os corpos possuem características que podem revelar saúde ou doença, beleza ou feiura, força ou fraqueza; enfim, características contraditórias, que são refletidas como modelos que podem ser mimetizados. Russo (2005), diz que o conceito de Imagem Corporal vem sendo utilizado quando o foco da investigação é o corpo humano e que sua definição tem uma dimensão ampla, se pensarmos na subjetividade de cada sujeito.

Uma área de conhecimento e intervenção que lida com o corpo em movimento é educação física. E, com certeza, a questão da imagem do corpo não pode ser desconsiderada pelos profissionais que atuam nessa área. De acordo com LÜDORF (2009), o profissional de educação física está a todo o momento envolvido com técnicas corporais; seja atuando em academias, clubes, universidades etc. e, mais do que uma atuação pautada na técnica, o profissional de educação física pode ser considerado educador na medida em que auxilia na formação de sujeitos e contribui para a constituição dos valores socioculturais.

Por outro lado, a importância do corpo cada dia se torna mais perceptível, bem como sua valorização. O corpo, templo da matéria, se altera para atender desejos, imposições, fantasias e necessidades do indivíduo, sofrendo processos de construção e reconstrução, conforme os contextos nos quais ele se adapta. Contudo, há outras formas de intervenções que se relacionam diretamente com a concepção de corpo que os sujeitos adotam, nos referimos àquelas imposições midiáticas, em que padrões previamente estabelecidos são utilizados para determinar o que a imagem corporal deve conter para ser aprovada socialmente.

Segundo LÜDORF (2009), o corpo passa, assim, a seguir normas de disciplinamento, não apenas impostas pelos sujeitos a si mesmos, isto é, pela dimensão da subjetividade, mas também impostas pela sociedade, ou melhor, por mecanismos externos ao sujeito e que ele utilizará como referência na construção de sua subjetividade. Esses mecanismos podem ser conhecidos por meio das instituições que

os representam: a imprensa, a televisão, academias de ginástica, escolas, clínicas estéticas, dentre outras.

Estudos epidemiológicos têm demonstrado nos últimos anos um aumento considerável no número de pessoas acometidas por Transtornos Dismórficos Corporais, em que a insatisfação sobre a forma do corpo se tornou crescente. (Russo, 2005 apud. Ballone, 2004). A partir dessas considerações delineamos o problema de nossa pesquisa, a saber: como o profissional de educação física pode ser influenciado pelas concepções relativas à imagem corporal? De modo mais específico, delimitamos a seguinte questão: Qual o significado que a imagem corporal possui para a abordagem que os profissionais de educação física utilizam tanto para o relacionamento que desenvolvem consigo mesmo, quanto com os seus clientes?

Elencamos como objetivo levantar junto à literatura evidências da influencia da imagem corporal na atuação do profissional de educação física; evidenciar aspectos referentes à saúde e à insatisfação relacionadas à imagem corporal e como a imagem corporal pode ser considerada uma questão que o profissional de educação física tem como base de relação, seja no meio desportivo ou outros espaços de atuação.

Assim, a pesquisa que ora apresentamos pode ser classificada como pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, que tem por objetivo compreender o tema imagem corporal e a atuação do profissional de educação física, refletindo como o problema da imagem corporal se relaciona com a atuação desse profissional.

O levantamento bibliográfico utilizado foi, predominantemente, de artigos publicados em periódicos em que se procurou aprofundar o problema de pesquisa e ampliar seu quadro de compreensão. No intuito de melhor expor as ideias e estabelecer um conjunto de argumentos coerentes, o trabalho foi dividido em tópicos, dos quais destacamos imagem corporal: importância para a saúde física e mental; a imagem corporal e suas relações com a educação física; e por último refletimos sobre os desafios que a formação do profissional de educação física enfrenta face ao modo como cotidianamente lidamos com a imagem corporal.

2. IMAGEM CORPORAL: IMPORTÂNCIA PARA SAÚDE FÍSICA E MENTAL

2.1 Saúde Física e Mental: Sua relação com a imagem corporal

A saúde é um direito de todos garantido pela Constituição Brasileira (CF88) em seu Art. 196, que diz: *A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.* Que todos possam e devam gozar de tal direito é algo fundamental para o todo cidadão brasileiro. Contudo, o que vem a ser saúde? Essa conceituação não é uma tarefa delegada à Constituição. Muitos são os conceitos que poderiam ser utilizados como interpretação para designarmos o que é saúde. A conceituação mais utilizada pela OMS é a de que saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE OMS/WHO-1946).

Assim, ser saudável implica na relação das propriedades internas do indivíduo e inúmeros determinantes externos, como moradia, condição socioeconômica, influência cultural, aspecto emocional, etc. Para obtermos um estado de equilíbrio que seja reconhecido como saúde, seria necessário que esses fatores e outros estivessem alinhados. Entretanto, isso é algo complexo de acontecer e, possivelmente denominado como utópico, pois cada vez que um dos pilares se fortifica, a tendência é que outro pilar seja abalado. Mesmo que o indivíduo esteja bem fisicamente, ele estará passível de não estar satisfatoriamente bem, seja mentalmente ou socialmente. E, mais ainda, essa discussão sobre a saúde não pode considerar somente um indivíduo. PEREIRA (2017), afirma que é preciso levar em conta como os grupos humanos se relacionam e como os padrões de relacionamento, de interação social, influenciariam profundamente no modo como o ser humano desenvolve-se socialmente. Isso inclui, de fato, aquilo que denominamos de saúde. É justamente nesse limiar, isto é, os padrões de relacionamento, que delimitamos o tema em questão, a saber, o da imagem corporal.

A saúde física enquanto bem almejado, possui uma leitura interpretada à luz do domínio da aptidão física que, de forma literal, é entendida como a disposição de poder fazer algo relacionado ao movimento humano. Concordando com ARAÚJO (2000), quando diz que ela é a capacidade de movimentar-se utilizando baixo gasto energético. tais atos são: andar, portar artefato que comporte peso, subir escadas, caminhar rapidamente, correr, essas atividades cotidianas, demonstrariam aspectos relacionados ao aperfeiçoamento de aptidões assim, muitas pesquisas relacionam o corpo em movimento à saúde física, à longevidade humana. Não podemos desmerecer os investimentos em programas para idosos, que desenvolvem, nesse segmento social, aptidões, por vezes impensadas pelos próprios sujeitos. As estatísticas de sobrevivência dos idosos têm sido bem vistas pelos governos e seu referido ministério da saúde.

Mas, essa questão guarda um outro aspecto que queremos melhor investigar; afinal, pode-se buscar o domínio das aptidões e esse domínio deve ser refletido em um corpo que seja capaz de atender às expectativas que lhes são requeridas. Subjaz, nesse sentido, a ideia de que o melhor domínio de aptidões refletiria a juventude desse corpo e, conseqüentemente, ser jovem tornou-se um objetivo para se “manter” a saúde física.

Assim, vemos que essa ideia de saúde, associada à juventude, não toma o envelhecimento do corpo como algo que se deve ter em conta; afinal, o corpo envelhece, decai, deteriora suas funções. A imagem corporal, aqui apresentada, teria, assim, um duplo aspecto: o de ser a expressão de uma saúde física de âmbito material e, ao mesmo tempo, uma questão de ordem psicológica, pois a imagem desse corpo seria refletida na mente do indivíduo. Assim, corpo jovem, com repleto domínio de aptidões físicas, refletiria “qualidade de vida”.

Para NOBRE, (1995): *A qualidade de vida não é um simples modismo, algo passageiro a preencher o tempo dos leitores para, em seguida, ser descartada. Muito pelo contrário, ela se constitui em um dos objetivos a ser alcançado no presente estágio de desenvolvimento da humanidade.* Eis, nesse sentido, o aspecto subjetivo que devemos considerar para o delineamento do conceito de qualidade de vida. E, como vimos anteriormente, ela teria profundas relações com fatores extrínsecos. Por um lado, os exercícios físicos são pensados para melhora da aptidão física e, assim, cada

exercício terá sua dosagem ajustada conforme a individualidade biológica do sujeito, para que ele alcance os objetivos almejados pelo educador físico. Haveria nesse sentido, por parte do educador físico, uma concepção do que ele entende por saúde e, conseqüentemente, por qualidade de vida.

O estudo da qualidade de vida desperta interesse na comunidade científica também, a qual produz cada vez mais estudos sobre o assunto. Os pesquisadores nessa área procuram conceituar, compreender e relacionar o termo qualidade de vida de indivíduos e grupos sociais a partir dos preceitos da ciência. (SIMÕES; SANTOS 2012).

Devemos ressaltar que não podemos desconsiderar a relação saúde física da saúde mental. Sobre essa questão, em conformidade ao que abordamos anteriormente sobre a saúde considerada no contexto das múltiplas relações sociais, entendemos que com o avanço das tecnologias, as demandas de produção, exigências exacerbadas tanto no trabalho quanto na vida pessoal e tantas outras formas de imposição sobre o sujeito podem gerar desequilíbrios mentais.

Não faz muito tempo que, o que se fazia para ajudar os indivíduos acometidos de algum transtorno era somente a internação e o uso de fármacos. Esse modo de intervenção, atualmente condenado devido aos graves problemas que ocorriam com os sujeitos mentalmente enfermos, agravou a situação desses pacientes, visto que a ingestão de tantas substâncias comprometia vários sistemas orgânicos, como por exemplo, o sistema nervoso. Além de serem eles tidos como excluídos do campo de visão social, relegados ao esquecimento em instituições que atuavam como segregadoras sociais.

Se, por um lado, abordamos, em síntese, a saúde física e descobrimos que ela é também interdependente dos fatores inerentes aos padrões de relacionamento social e que, com certeza, a construção do que podemos chamar de imagem corporal, teria sua constituição estruturada socialmente. Não haveria, dessa forma, imagem corporal, presente em um indivíduo, que não fosse refletida como algo instituído por certa expectativa social.

Assim, a imagem corporal teria forte constituição com o contexto social. Esse sim, seria o que lhe determinaria o sentido. Imagem corporal sem respaldo social, não teria porque existir. Assim, esse aspecto relativo à saúde física, não pode ser também

separado daqueles relativos à saúde mental. A imagem corporal estaria estruturada internamente no sujeito, lhe sendo objeto de equilíbrio ou desequilíbrio psíquico. Entretanto, o que seria imagem corporal? Russo (2005) diz que ela, a imagem corporal é a forma que o indivíduo utilizaria para apresentar-se para si mesmo. Segundo GARCIA et al. (2011) a imagem corporal seria formulada a partir das experiências singulares e subjetivas interpretadas pelo sujeito.

Dentre os diversos conceitos de imagem corporal pode se dizer que ela é entendida como a forma que o sujeito tem para se apresentar, tanto para os outros, como para si mesmo. Percebemos, assim, que ela teria uma função de equilíbrio/desequilíbrio, no estado de relacionamento psicossocial do indivíduo. Haveria, nesse sentido, na imagem corporal, um aspecto de apreensão estética, com os reflexos relativos ao agrado ou desagradado, propiciados pela contemplação dessa imagem.

O padrão de beleza, enquanto conceito culturalmente construído pelo imaginário social modifica-se em diferentes contextos históricos e sociais, mas apesar disso, o culto ao corpo, de uma forma ou de outra, sempre esteve associado à imagem de poder, beleza e mobilidade social. (DA SILVA et. al. 2011 apud. ANDRADE; BOSI, 2003; PEREIRA et al., 2009)

Em Alves (2009) vemos que, o processo de construção da imagem corporal é longo e complexo e que, de modo intrínseco, se encontra ligado aos fenômenos culturais. O ideal corporal muda conforme o avançar do tempo. No ocidente, atualmente, vê-se nitidamente o culto ao magro.

E, dentre as questões intrinsecamente relevantes ao problema da imagem corporal, estaria aquela relacionada à autoestima. A literatura que analisamos em nosso trabalho, apresenta o problema da baixa autoestima em sujeitos que não se relacionam bem com a imagem corporal que possuem. Esse possível desajuste entre a imagem corporal, que possuem e àquela que almejariam, produziria uma descompensação emocional, que teria reflexo na saúde mental desses sujeitos, produzindo problemas nas relações pessoais, familiares e de trabalho.

A autoestima, esta que pode ser entendida como a forma que nos apreciamos, o quanto gostamos de nós mesmos, quanto nos satisfaz a forma que vemos refletida no espelho. Segundo Mosquera e Stobäus (2006), a autoimagem surge da relação da

pessoa com seu cotidiano sendo consequência de relações estabelecidas com outras pessoas e consigo mesmo.

Para que a imagem corporal refletida no espelho e para a sociedade seja satisfatória, existe um conjunto de fatores sociais e emocionais para este sucesso, também o excesso de preocupação com o corpo pode influenciar no desequilíbrio mental e, por sua vez, gerar inúmeros problemas, como veremos adiante.

2.2 Problemas relacionados à saúde mental advindos da imagem corporal

Sabemos que a saúde mental e a imagem corporal têm sua relação, e problemas psicológicos podem ocasionar a insatisfação corporal. Podem ser inúmeros os problemas ocasionados, propiciando o aparecimento de transtornos mentais. Suas consequências podem chegar a extremos inesperados como o suicídio e ainda que não cheguem, com passar do tempo, esses transtornos podem causar sequelas psicológicas difíceis de serem curadas.

Diversos fatores podem estar correlacionados ao desenvolvimento de alguns transtornos mentais comuns, assim podemos citar a obesidade, cujo índice deste mal tem aumentado. Sabe-se que são inúmeros os motivos para o aparecimento dela, mas sua relação com a imagem corporal ocasionaria desequilíbrio emocional nos obesos. Até o fator financeiro, falta de opção de lazer, o estreitamento do círculo de amigos, podem influenciar para esse desencadeamento psíquico relativo à imagem corporal. No estudo realizado por Veggi et al. (2004), ao avaliar a percepção do peso e transtorno mental comum, apontou que a diferença entre o índice corporal e o peso idealizado, pode trazer riscos de transtornos psiquiátricos.

Pessoas insatisfeitas com sua forma corporal acabam por abalar os pilares que contribuem para o equilíbrio de sua saúde, sendo eles mental e físico, comprometendo-a. Azevedo (2012) demonstrou que a preocupação com a imagem corporal gera sentimentos desagradáveis como inferioridade, insegurança social etc., sentimentos esses que supostamente não se manifestariam se esses sujeitos se vissem dotados de um corpo belo e forte. Assim, podemos citar a autoestima como forte aspecto para que sejam despertados estes tipos de sentimentos, concordando com Mosquera e Stobäus

(2006) em que a autoestima seria a forma como a pessoa se avalia numa unificação das ideias que se tem de si e que podem ou não ser positivas.

O fato de estarmos em constante autoavaliação é extremamente perceptível e pode ser notado nos mais diferentes graus de relação social. (CAMARGO et al. 2011 apud. Assunção, 2002), aponta que transtornos dismórficos possuem variáveis e nem todas foram catalogadas nos manuais psiquiátricos e que uma pesquisa nos revela que são nove as variáveis, desde o perfeccionismo à distorção corporal.

Destacamos, contudo, uma que tem profunda relação com os profissionais de Educação Física, a vigorexia ou anorexia nervosa reversa é uma variação do transtorno dismórfico corporal. Geralmente, ocasionada pela influência da mídia que impõe padrões a serem seguidos e que passam a ser incorporados culturalmente. Os homens, principalmente na faixa etária entre 18 e 35 anos, buscam de qualquer forma, chegar ao ponto ápice deste ideal, ou seja, o corpo perfeito, totalmente torneado, a busca é incessante e intensa, pois cada dia que passa sem que esse objetivo seja aproximado é considerado tempo perdido, as mulheres não deixam de ser afetadas, nelas observa-se a preocupação muito maior com o peso ideal, que seria considerado normal e quando se vêem acima do peso, a busca por atingir o padrão ideal abre caminhos para outros tipos de transtornos.

As características que são percebidas no público masculino, são de indivíduos com peso ideal, porcentagem de musculatura esquelética adequada e com *feed back* social aceitável e mesmo com uma avaliação positiva dos que o cercam, ao verem sua imagem refletida não conseguem enxergar que estão dentro dos padrões, buscando, compulsivamente, uma maneira de se tornarem “grandes”. Isso leva à prática maximizada de exercícios, como podemos ver, com maior frequência, este tipo de pessoas no ambiente de academia.

Porém, cada corpo tem seu limite que precisa ser respeitado, mas esses indivíduos farão o que puderem e, independente das consequências, irão recorrer a recursos ergogênicos, numa tentativa superar os resultados obtidos.

Os danos à saúde são maiores em indivíduos que fazem o uso indiscriminado de anabolizantes por fazerem uso de doses suprafisiológicas, aumentando o risco de doenças hepáticas, cardiovasculares, acne, distúrbios no sistema reprodutor, distúrbios na função tireóide, distúrbios de comportamento. (MEDEIROS, 2015)

De fato, estas substâncias fazem efeito, foram criadas para utilização médica, foram importantes no auxílio de várias doenças como caquexia e osteoporose. Tais substâncias são produzidas a partir do hormônio masculino. Seus malefícios, pelo uso indiscriminado e não prescrito podem levar ao efeito negativo ao invés de melhorar a percepção do indivíduo sobre si e, sua utilização indevida, gera efeitos colaterais como aparecimento de acne, deficiência no miocárdio, além de outras perturbações físicas e psicológicas, depressão tida hoje como mal do século, a obesidade, ansiedade etc. Esses problemas ocasionados refletem no âmbito social; emocional e no ambiente de trabalho afetando as relações sociais.

Em mulheres, a predominância da anorexia advinda do medo de estar fora do padrão de magreza proporciona a este público em detrimento do transtorno mental que tenha a recorrência de desequilíbrio alimentar por consequência de querer chegar a qualquer custo à magreza.

Para as anoréxicas, os limites do corpo quase se apagam diante das circunstâncias em que vivem do cotidiano de seus relacionamentos, dessa rede de relações concreta se afetivas em que estão submersas. Toda condição e situação que a rigor está matizada nessa imagem disforme que a anoréxica tem de si mesma e que se expressa pela insatisfação com o tamanho do seu corpo e a perda de peso. (GIORDAN, 2006)

Na anorexia nervosa, a representação mental do sujeito supera a realidade carnal, não importa o que o digam as mulheres acometidas deste transtorno tem como verdade que seu corpo é de uma pessoa gorda, por vezes são mulheres que estão com o IMC abaixo do ideal e, ainda assim, recorrem a soluções extremas para chegar perto do padrão almejado.

Nenhuma pessoa estaria livre da predisposição ao desenvolvimento de transtornos psicossomáticos e suas consequências, o que conduz à ideia de que é necessário que os profissionais de E.F. estejam atentos aos sinais emitidos por seus clientes, sejam eles atletas ou não.

3. ASPECTOS RELATIVOS À IMAGEM CORPORAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

3.1 Imagem corporal e o segmento desportivo.

Dentre os diversos segmentos da educação física, o meio esportivo é um dos que tem grande apreço pela imagem corporal. Esse meio é composto por atletas que precisam apresentar uma performance de alto nível e os cuidados com o corpo, ao serem negligenciados, podem ser considerados motivos do baixo desempenho. A mídia, que por vezes exerce pressão demasiada, não somente em relação à performance, mas também em relação à imagem do atleta, que seria enxergado como produto e, como tal, para que tenha garantida sua venda, seria necessário ser configurado esteticamente como algo bem aparentado.

Algumas vezes esses indivíduos podem se dedicar à realização de exercícios intensos, seja queimar calorias e perder peso, como adotar métodos purgativos como a autoindução do vômito e abuso de laxantes ou diuréticos. (GIORDAN, 2006). O indivíduo, para que seja bem avaliado pela sociedade e por si mesmo, recorreria aos diversos meios citados e tantos outros para o alcance de seus objetivos, mas ao encontrar algum processo de falha desse alcance, sua autoavaliação lhe traria algo de negativo.

Sabemos que este meio tem o costume de ser excludente conforme (VAZ et al 2005) por ser um ambiente que, de forma geral, não toleraria diferenças. E, por mais que se diga que prezam pela igualdade, alguns fatores acabam por tornar esta filosofia inviável. Em se tratando de países reconhecidos como potências do esporte, ainda que possam almejar as menores potências, dificilmente terão estruturas e recursos como as denominadas grandes potências, sendo essa uma das causas que contribuem para o uso do doping.

Em alguns casos de domínio público, verificou-se que a presença de substâncias no sangue dos atletas era por contato de fármacos dermatológicos que reagiram, produzindo determinada substância, que dariam uma pequena vantagem sobre os demais participantes. Para melhor elucidação utilizamos o caso da atleta Maurren

Maggi, que foi positivada no exame de doping, no Troféu Brasil de Atletismo. Maurren disse que teria feito tratamento de depilação a laser e usou uma pomada cicatrizante, que continha a substância proibida. (Jornal/nacional, 2004).

Nesse sentido, no meio esportivo, os atletas se tornaram ícones e seriam idolatrados, conquistando milhares de fãs. A literatura aponta que o embelezamento está presente até mesmo no *look* utilizado, um bom exemplo citado, são as modalidades de vôlei de quadra e areia, onde as roupas são extremamente coladas, evidenciando as curvas e deixando à mostra os músculos bem torneados, que as atletas procuram cuidar não somente pela vaidade inerente e a necessidade da modalidade, mas porque, por meio deste cuidado evidenciado, possam se tornar ainda mais bem pagas, já que teriam melhores chances de receberem propostas para diversos contratos de marketing.

Neste segmento se vê também a recorrência do transtorno da dismorfia muscular, comumente vista em homens. A preocupação das mulheres seria maior em relação à obesidade mórbida.

A dismorfia muscular é caracterizada como um transtorno da imagem corporal apresentada por atletas e/ou desportistas e foi descrita por Pope et al. em 1993, os quais inicialmente denominaram a dismorfia muscular como “anorexia nervosa reversa”. (LIMA et al. 2010 apud. Pope et al. 1993).

Conforme vimos anteriormente, os transtornos mentais podem causar perdas irreparáveis e os esportistas são, certamente, alvos fáceis. A dismorfia pode ser observada mais facilmente em fisiculturistas, pois estes lidam diretamente com a questão do corpo perfeito. Haveria um complexo dilema a ser resolvido, pois, em suas competições precisam do ápice da performance e para isso se privam de uma série de coisas em detrimento do que consideram seu objetivo maior.

Pode-se dizer que esse público seria mais propenso aos desequilíbrios, ocasionados eventualmente, seja pelo abuso de dietas low carbo ou outras mais extremas, inseridas em seu cotidiano. Sabemos que essas dietas devem ser utilizadas com cautela e deveriam ser acompanhadas por profissionais competentes, e os que ignoram as recomendações nutricionais acabariam por extrapolar seus limites sem levar em conta as consequências.

Com o objetivo de atingir a forma física adequada ao esporte, fisiculturistas manipulam a ingestão calórica, a quantidade de sal da dieta e em alguns casos, utilizam medicamentos diuréticos ou até mesmo suspendem a ingestão hídrica pré-competição. (CAMARGO et al. 2008)

Sendo assim o profissional de educação física que é figura presente neste segmento e que também é um formador de opinião, pode influenciar na constituição do pensamento dos sujeitos com os quais lida em sua atuação. É preciso que ele eduque corporalmente esses sujeitos, ou seja, transforme um corpo-produto em um corpo sujeito, para que esses não reproduzam formas inadequadas no trato de si. Os cuidados dispensados por um bom profissional podem auxiliar na construção dessa consciência de que a busca incessante pelo corpo perfeito e a utilização de substâncias em desacordo com sua prescrição, poderá causar consequências irreversíveis.

4. IMAGEM CORPORAL E A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Por último, vejamos como a questão imagem corporal afetaria o próprio profissional de E.F impondo-lhe um desafio a ser transposto. Afinal, de um lado as exigências midiáticas impõem que ele seja um reflexo imagético de uma espécie de humano modelar, um super-humano, que teria concretizado o ideal de saúde e performance corporal, tornando-se profissional com a capacidade de orientar e auxiliar os demais humanos a atingir aquele patamar que ele atingiu.

O exercício profissional de E.F pauta-se na lei 9696/98 que, entre tantos artigos, tem no art.3º a seguinte descrição de competência: “*Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do esporte*”. Em outras palavras, o profissional de educação física é indivíduo que após sua formação adquiriu capacidade teórica e prática para poder intervir nas questões relacionadas ao corpo, saúde e esporte de maneira que consiga obter resultados satisfatórios e atender as expectativas de seus clientes.

Após passar pelo curso de educação física, o profissional em questão seria mergulhado em assuntos relacionados ao corpo e suas peculiaridades, desde a anatomia até ao ponto “máximo” de obtenção da estética corporal. Tantas seriam as questões a serem discutidas em sua atuação, que o próprio profissional se tornou objeto de estudos em vários centros de pesquisa, como os programas de pós-graduação, em mestrados e doutorados. Vários trabalhos relacionados ao estudo da insatisfação corporal em estudantes de educação física têm sido encontrados na literatura. Conforme RECH et al. (2010), que realizou um estudo para verificar o índice de insatisfação corporal dos acadêmicos de um curso de educação física concluiu que por estarem ligados a questão de saúde tem uma maior preocupação com a aparência física quando comparada a outros cursos, mesmo com a utilização de outros métodos de avaliação a superioridade dos resultados para os acadêmicos pesquisados foi considerável. Embora no estudo de GARCIA et al. (2011), realizado com a finalidade de comparar a insatisfação corporal em acadêmicos de educação física e medicina de uma mesma instituição privada, tenha apontado a prevalência de preocupação com a magreza por parte dos estudantes de medicina, neste estudo considerou-se o aspecto socioeconômico envolvido, que segundo a literatura é um aspecto que pode intervir na forma como o corpo é percebido.

Já DA SILVA et al. (2011) verificou em seu estudo que os acadêmicos de educação física têm uma prevalência com a insatisfação corporal, principalmente no sexo masculino e que esta insatisfação não diminui, com o avançar do curso, neste estudo a amostra era composta de acadêmicos que praticavam atividades sistematicamente durante a semana.

Os acadêmicos de educação física possuem uma grande carga de atividades extras durante o curso que pode contribuir também para que se adquiram maus hábitos alimentares o que contribuirá para gerar ou agravar a insatisfação corporal. São esses os profissionais que estão sendo formados para serem capazes de lidar com a dicotomia do corpo, com os impasses e dilemas desta questão (LÜDORF, 2009) diz ser necessário que o profissional esteja preparado para lidar criticamente com as demandas corporais e ainda que tenha consciência do impacto que as mesmas causam na em sua formação e posteriormente sua atuação.

O papel do profissional/professor de educação física é, principalmente, educar. Pode-se dizer que ele tem o desafio de ter uma vida condizente com o que oferece como produto, ou seja, saúde e qualidade de vida. Assim, a necessária lucidez sobre sua imagem corporal será um determinante em seu exercício profissional; muito embora, tenhamos a consciência de que sua atuação está para além das percepções obtidas pelos sujeitos que buscam seus serviços.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a imagem corporal tem influência na vida dos sujeitos e está intimamente relacionada com a saúde física e mental. Muitos são os fatores a serem considerados para a fortificação dos pilares que compõem o que seria denominado saúde e, como sabemos, o desequilíbrio da saúde mental pode ocasionar alguns tipos de transtornos, sejam eles comuns ou específicos, e que podem levar a extremos, como o óbito, mas ainda que não levem, ocasionaria a insatisfação corporal.

Assim, os indivíduos buscam meios para adentrar os padrões que já lhes seriam incorporados culturalmente e, se não conseguem, por meios naturais, adotar novos padrões, buscam produtos ergogênicos, ou melhor, artificiais, fato que enunciamos em nosso trabalho como bem evidente no meio desportivo.

Sendo assim o profissional de educação física que é figura presente neste segmento e que também é um formador de opinião, pode influenciar na constituição do pensamento dos sujeitos com os quais lida em sua atuação. É preciso que ele eduque corporalmente esses sujeitos, ou seja, transforme um corpo-produto em um corpo sujeito, para que esses não reproduzam formas inadequadas no trato de si. Os cuidados dispensados por um bom profissional podem auxiliar na construção dessa consciência de que a busca incessante pelo corpo perfeito e a utilização de substâncias em desacordo com sua prescrição, poderá causar consequências irreversíveis.

Neste sentido, o culto ao corpo, que vem se evidenciando no ocidente, obrigando esse profissional a ter melhor preparo para lidar com essas questões. É preciso que este forme sua identidade corporal, de modo a compreender que esta será mutável e

que ele precisa de lucidez suficiente sobre sua intervenção, para que possa bem orientar seus clientes.

Não são muitos os trabalhos que abordam sobre os desafios que o profissional de educação física enfrenta ao lidar com questões relativas à própria imagem corporal e como isso afetaria seu exercício profissional. Eis, portanto, uma lacuna de conhecimento que acreditamos ter contribuído para a reflexão dessa questão, ainda no espaço de formação. Cremos que essas reflexões deveriam ser mais abordadas na formação que ocorre no bacharelado, tendo em vista a necessária preparação desse profissional para o exercício do que seria denominado “mercado de trabalho”. Ultrapassar qualquer tipo de visão tida como ingênua é mais do que essencial; afinal, a formação desse profissional não se reduz à dimensão técnica do conhecimento, aspectos de natureza psicológica que impactam a dimensão pessoal e social, como os que apresentamos no decorrer do trabalho, podem significar a diferença qualitativa na atuação desse profissional.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, D. et al. Cultura e imagem corporal. **Motri.**, Santa Maria da Feira , v. 5, n. 1, p. 1-20, jan. 2009.

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAÚJO, Claudio Gil Soares de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista brasileira de medicina do esporte**, v. 6, n. 5, p. 194-203, 2000.

AZEVEDO, Andréa Pires et al. Dismorfia muscular: A busca pelo corpo hiper musculoso/Muscle dysmorphia: A quest for the hyper muscular body. **Motricidade**, v. 8, n. 1, p. 53, 2012.

BRASIL. **Constituição (1988)**. **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CAMARGO, Tatiana Pimentel Pires de et al. Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 01-15, jun. 2008 .

BRASIL.CASA CIVIL, **Lei 9696, de 1 de setembro de 1998**. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9696.htm>. Acesso em: 10 de agosto. 2017

DA SILVA, Tatiana Rodrigues; SAENGER, Guilherme; PEREIRA, Érico Felden. **Fatores associados à imagem corporal em estudantes de Educação Física**. 2011.

FORMIGHIERI GIORDAN, Rubia Carla. A auto-imagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica. **Psicologia & Sociedade**, v.18,n.2,2006.

GARCIA, Luana et al. Auto-percepção da imagem corporal em estudantes de Educação Física e Medicina. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, V.16.n.1, p.25-30, 2011.

NACIONAL, Jornal. **Atleta Maurren Maggi é inocentada de acusação de doping por júri brasileiro**. edição do dia 20/01/2004. Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/telejornais>. Acesso em: 10 agost. 2017.

LIMA, Litiane Dorneles de; MORAES, Cristina Machado Bragança de; KIRSTEN, Vanessa Ramos. Dismorfia muscular e o uso de suplementos ergogênicos em desportistas. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v. 16, n. 6, p. 427-430, Dec. 2010.

LÜDORF, S. M. A. Corpo e formação de professores de educação física. Interface - Comunicação, **Saúde e Educação**, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 99-110, jan./mar. 2009

MEDEIROS, Lariane Nogueira et al. ANABOLIZANTES: BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS NA BUSCA DO CORPO IDEAL. **e-RAC**, v. 5, n. 1, 2015.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 7, n. 1, p. 83-88, 2006.

NOBRE, Moacyr Roberto Cucê. Qualidade de vida. **Arq Bras Cardiol**, v. 64, n. 4, p. 299-300, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)-1946**. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-organiza%C3> acesso em: 20 de jul. 2017

PEREIRA, Adilson. **Conversando sobre sociologia**. Rio de Janeiro: UVA, 2017.

RECH, Cassiano Ricardo; DA SILVEIRA ARAÚJO, Eliane Denise; VANAT, Joyce Do Rocio. **Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de educação física**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 24, n. 2, p. 285-292, 2010.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, v. 5, n. 6, p. 80-90, 2005.

VAZ, Alexandre Fernandez. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 1, 2005.

VEGGI, Alessandra Bento; LOPES, Cláudia S; FAESTEIN, Eduardo; SICHIERI Rosely. Índice de massa corporal, percepção do peso corporal e transtornos mentais comuns em funcionários de uma universidade no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 26(4):242-247, 2004